

Divulgação Científica

Nome: Anna Carolina da Silva Ferreira

Turma: 48, Letras Língua Portuguesa - Bacharel

A Linguística Cognitiva e a Compreensão de Conceitos

Durante algum tempo (no final da década de 1950, basicamente), o pesquisador e linguista Noam Chomsky desenvolveu a teoria do gerativismo, o qual fundou nos estudos linguísticos a consideração da linguagem como um sistema de comunicação autônomo e inato, ou seja, a linguagem é uma capacidade com a qual nascemos e a gramática seria o sistema de regras para gerar novas sentenças de um número limitado de regras. A teoria gerativa tem o objetivo de explicar como a linguagem é processada pelo cérebro e como ela afeta o pensamento e a cognição. Entretanto, apesar de Chomsky demonstrar a importância da natureza cognitiva, ele se restringe, quando apresenta os princípios inatos, à estrutura gramatical das línguas, pois esses mesmos princípios restringem a capacidade de possibilidades da variação na estrutura das línguas.

Chomsky, a partir de suas teorias, desenvolveu o princípio da modularidade da mente, “[...] segundo o qual a mente é composta de módulos ou partes. Cada um desses módulos responde pela estrutura e desenvolvimento de uma forma de conhecimento” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 178). Em termos mais gerais, um módulo, por exemplo, seria responsável pela criação e compreensão, já outra parte pela capacidade lógica; mas não atuam juntos, transformando-se em relações separadas, ou seja, o primeiro módulo de criação e compreensão ficaria responsável pela linguagem, e o segundo módulo, da lógica, se responsabilizaria pela matemática, portanto, ele utilizou dessa teoria para explicar o processamento de informações na mente.

Após muitos posicionamentos de linguistas, como George Lakoff e Charles Fillmore, chegou-se à conclusão de que os pressupostos gerativistas eram limitados quanto à estrutura de significado das frases e focavam no desenvolvimento da capacidade biológica de linguagem, o que teve como consequência o surgimento de uma nova abordagem do fenômeno da língua, a linguística cognitiva.

“A linguística cognitiva propõe uma mudança de perspectiva no estudo da linguagem, colocando os usuários da língua no centro da construção do significado” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 181). Segundo Martelotta, a linguística cognitiva se concentra na percepção e definição humana do mundo, ou seja, predominam os estudos sobre a semântica e os significados, ao invés dos estudos da gramática ou descrição da língua. Contrapondo a teoria gerativista, os cognitivistas afirmam que a linguagem não depende de um módulo, no entanto pode-se considerar que não há necessidade de separar o conhecimento linguístico do conhecimento não linguístico; com isso, não há modularização da mente.

Em suma, podemos dizer que, de modo geral, o cognitivismo busca uma visão em que os processos mentais e o corpo trabalhem juntas, e como exemplo aqui estão alguns pressupostos em linguística cognitiva:

1. O pensamento corporificado: estuda que a ordem e a organização relacionada ao corpo, ou seja, a experiência humana mais básica retrata situações de posições ou interpretações de conceitos fornecidos pela base de nossos sistemas conceptuais.
2. A organização do conhecimento: os modelos cognitivos idealizados, os modelos comunicativos e os esquemas imagéticos, os quais explicam a organização do conhecimento, de interação e como tais interações surgem.
3. O princípio de projeção: define que são estruturas cognitivas, padrões mentais, que partem das nossas interações com o mundo, tais como sentir, tocar, sofrer ações de forças, entre outras, ativando uma projeção entre os elementos em um espaço mental.
4. Mesclagem: é um processo cognitivo que ocorre quando juntamos um ou mais conceitos mentais, para formar um novo conceito.

Podemos ver que a linguística cognitiva apresenta muitas funcionalidades e estudos, que, juntamente com a biologia, trazem novas propostas cognitivas. Essa teoria enfatiza a importância do contexto vivido nos processos de significação e o aspecto social da cognição humana. Como consequência, são apresentados modelos de estudos que trazem a importância dos processos cognitivos, como diferentes domínios mentais que não se baseiam em conjuntos conceituais relacionados a experiências humanas, mas sim a abstrações de significado, como, por exemplo, a metáfora: diferente do que é apresentado pelo senso comum, na linguística cognitiva ela traz uma analogia entre os significados, sendo uma poderosa ferramenta para a criação de novos conceitos.

Em conclusão, a linguística cognitiva se relaciona diretamente com a relação espaço mental, o que liga diretamente a relação do homem com o mundo, a qual muda de geração em geração, de cultura em cultura. A cultura molda a linguagem das pessoas, há uma transformação das línguas ao longo do tempo. Isto se enquadra na visão abrangente da importância da experiência, não apenas corporal, mas também social. O processamento dessas experiências tem como consequência a construção do significado, que é um processo interacional que envolve a compreensão de sua importância para a construção do sentido do que pensamos, falamos e fazemos - ou seja, não apenas do “conteúdo” da interação, mas também de sua dinâmica e gestão.

A linguística cognitiva é uma área fascinante que estuda como a mente humana processa e produz a linguagem. Por meio dessa abordagem, podemos entender como os seres humanos adquirem, entendem e utilizam a linguagem para expressar seus pensamentos e emoções. A linguística cognitiva também explora a relação entre a linguagem e outros aspectos cognitivos, como a percepção, a memória e o raciocínio. Ao compreender melhor os mecanismos cognitivos envolvidos na linguagem, podemos desvendar os mistérios da comunicação humana e aplicar esse conhecimento em diversas áreas, como tradução, ensino de idiomas e até mesmo no desenvolvimento de tecnologias de processamento de linguagem natural. Se você se interessa por como a mente humana cria e interpreta a linguagem, a linguística cognitiva é um campo de estudo empolgante que vale a pena explorar!

REFERÊNCIAS

BARROS, Arethusa Andréa Fernandes de Oliveira. A compreensão do padrão discursivo charge numa abordagem cognitiva: processos de mesclagem. **XIX Semana de Humanidades (CCHLAUFRN)**, Natal, 2011. Disponível em:

https://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT39/semana%20de%20humanidades_publicacao%20de%20texto_.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

CÉSAR, Alan Marinho. **Evento de Movimento Transitivo: Uso, cognição e rede construcional**. 2020. 179f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

Disponível em:

<https://l1library.org/document/z11pxv8z-evento-de-movimento-transitivo-uso-cognicao-rede-construcional.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

KREBS, Luciana Monteiro; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira. Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da Ciência da Informação.

Transinformação, n. 1, v. 30, p. 81-93, 2018. DOI: 10.1590/2318-08892018000100007.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/chbTXKpnwqPjxqF3zjNMKSh/#>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual da linguística**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-191.

MIRANDA, Neusa Salim. O caráter partilhado da construção da significação. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 5, n. 1, p. 58-81, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25415>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva : uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, Braga, v. 1, n. 1-2, 1997, p. 59-101.

SOUSA, Fernanda Cunha. O que é a linguística cognitiva?. **Entretextos**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 4-21, 2014. DOI: 10.5433/1519-5392.2007v7n1p4. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/18525>. Acesso em: 15 dez. 2023.